

HISTÓRIA QUE DARIA UM LIVRO

Apresentação

Muito boa tarde a todos!

Convidada a pronunciar-me sobre a minha experiência de leitura mais do que a fazer exegese literária, venho junto de vós com alguns sentires, algumas impressões que foram nascendo, à medida que me ia embrenhando nesta recém-nascida narrativa da autoria do Manuel Maria, que, antes de se metamorfosear em escritor, era, para mim, apenas um excelente professor. E digo excelente, com toda a convicção e propriedade. E mais digo: isto foi muito antes de a legislação que regula esta nobre profissão prever tal rótulo como condição necessária para a progressão na carreira docente!)

Mas não nos desviemos do que aqui nos traz.

Diz o Manel – permitam-me o tom coloquial, a ligeireza no trato – diz o Manel que é escritor APENAS no ato da escrita.

Eu digo-lhe que sim, num gesto tímido, mas nada convicto, e faço-o apenas porque não o quero contrariar e porque tenho grande consideração pela sua “saúdinha”.

Mas, na verdade, acho que não. O homem que escreve um romance como este não o faz APENAS no ato da escrita!

Alguém disse (penso que o médico Miguel Miranda, também ele escritor, mas a informação carece de uma certeza absoluta) que um escritor, até quando dorme, escreve. E eu tenho a certeza que em muitas noites de sono solto o Manel deve ter sonhado com algumas soluções para os enredos imprevistos que iam surgindo, esses sim, no ato da escrita... E também talvez nalgumas manhãs, quando ia comprar o jornal ou o pão fresquinho, o Manel caminhasse vacilante, não pelas pernas cansadas, mas pelas opções narrativas que o iam surpreendendo na sua mente obsessivamente sedentarizada nas páginas que o esperavam em casa...

E também noutros momentos imprevistos. Imagino-o em frente ao televisor, talvez a comer uma maçã, como o fazem José António e Silvana no capítulo IV do romance. Imagino-o devotamente sentado, olhos consolados de azul e branco, a ver o seu Fêquêpê,

completamente alheado de qualquer ato de escrita... Imagino, de repente, o Manel, entre um lance e outro, “goleado” por uma ideia fabulosa que poderia bem condimentar os enredos, que se iam cozinhando nesta **História que daria um livro**. Imagino que, nesse inusitado momento, tenha desatado nós; talvez tenha atado outros... Afinal, onde acaba o homem do quotidiano? Onde acaba o professor já aposentado? Onde começa o escritor?

E assim, entre a vida do homem que se diz escritor APENAS no ato da escrita e a vida do homem comum, se foi fazendo esta intriga, cujo título diz estranhamente “daria”, mas que, de facto, a meu ver, deu em livro.

E é por aqui que vou eu nesta minha apreciação que quero breve (mas temo não o conseguir).

Vou pelo título.

Inicialmente, confesso, achei-o fraquinho. Lembrava-me aqueles programas radiofónicos ou televisivos que enchem o vazio das manhãs dos que estão por casa, programas do género “A minha vida dava um filme!” Confesso-vos mesmo que, ainda a meio da leitura, até cheguei, - vejam o meu descaramento - cheguei a sugerir ao Manel que pensasse numa alternativa.

Que bom é estar a ler um livro que ainda não nasceu para o público e ter acesso ao autor! O Manel, sempre sensato e, claro, com conhecimento de causa, disse-me. “Quando chegares ao fim, vemos isso!... Depois, dizes-me se manténs a mesma opinião!”

Bem, quando cheguei ao fim, censurei-me pela minha precipitação e dei razão ao autor. O título estava perfeito!

Perfeito porquê?

Porque nele vivem as linhas principais de ação, as temáticas que o autor privilegia e as linhas sub-reptícias que vivem imersas na narrativa e das quais, muitas vezes, o próprio autor não tem consciência.

Se eu aqui tivesse um quadro, como tenho na sala de aula, escreveria nele o título em letras bem gordas. HISTÓRIA QUE DARIA UM LIVRO. Rodearia com uma circunferência os nomes “História” e “Livro”. Sublinharia às ondinhas, como costumo dizer aos meus alunos, aquele condicional “daria”, que me causou, até ao final da narrativa, uma certa “comichão cerebral”.

Dos nomes rodeados nasceriam raios, que anunciariam as ideias implicadas ou os implícitos que dormem nesses mesmos nomes; do sublinhado ondulado nasceriam setas anunciando novos conceitos. Diria: “copiem no caderno”. E da mão em movimento nasceria um saber, uma sensibilidade interpretativa. Bem melhor que uma apresentação eletrónica, não?!

Não tenho quadro aqui. Mas tenho a vossa atenção. Tenho a vossa imaginação. Tenho os nomes e o verbo, o que significa que tenho tudo aquilo que me é necessário.

Comecemos, então, pelo termo “História”.

A palavra aponta para o domínio do concreto, da factualidade, aponta para a realidade, para a ação, para a memória.

Sim, neste romance há factos verídicos, bem reais. Há acontecimentos que deveras ocorreram, personagens reais, espaços que percorremos todos os dias (hoje encontramos-nos num desses espaços). Todos estes aspetos transfigurados pelo dedilhar criativo do autor. Sim, a metáfora “dedilhar” impõe-se, porque agora escrever com recurso a um computador é como tocar piano, como se o ato de escrita e o texto fossem melodia...

Bem, na verdade todo o texto é e sempre foi melodia!

Mas avancemos.

Vivem aqui acontecimentos políticos singulares, que marcaram a nossa memória coletiva, tais como a comemoração do 25 de abril no ano de 2004, que se revelou polémica pela imposição do conceito Evolução, em detrimento do de Revolução. Uma simples subtração de “R” que muito deu que falar, se bem se lembram! Estão aqui fragmentos dos discursos proferidos nessa data histórica. Para memória futura! Está aqui a inédita dissolução da Assembleia da República Portuguesa. Está aqui também um passado doloroso que marcou e marca muitos ainda: a guerra colonial, a prepotência da PIDE, algumas conspirações... Enfim, estão aqui, porque um romance é produto de um momento histórico e político e é, por isso, dele testemunho.

Está qui também a memória cultural, em fragmentos da epopeia camoniana e em canções da tradição coimbrã. São várias páginas. Será excessivo talvez, comentam alguns. Talvez... Mas cabe ao leitor gerir estes momentos de pausa narrativa como ele quiser. Já o dizia

Daniel Pennac. Eles estão cá. O leitor poderá avançá-los, se a curiosidade picada pela intriga principal se impuser. Mas eles estão cá e poderão ser sempre revisitados...

Está aqui também o cinema português na referência ao filme Vale Abraão, de Manoel de Oliveira, baseado no romance homónimo de Agustina, prémio Camões neste mesmo ano de 2004.

Está aqui também uma referência à partida da nossa Sophia, que tanto defendia na sua poesia a cultura helénica! E foi ela ironicamente deixar-nos exatamente no mesmo dia em que nós nos “vimos gregos”, na final do campeonato da Europa! Sim, essa final e outros jogos desse campeonato também estão aqui. Está aqui uma vitória do FCP, bem suada, não recomendada a cardíacos. Já agora e, porque vem a propósito, convém realçar que é em frente ao Estádio do Dragão que se inicia a ação central do romance e não o é ali por acaso! Mas avanço, até porque a minha cor é outra...

Conseguem imaginar o meu quadro de sala de aula, com o nome “História” rodeado por raios que apontam para todos estes aspetos? Pois, está bem recheadinho, não está? E ainda não fomos ao “Livro”! Nem ao “daria”!

Vamos, então, ao livro.

Deste nome, porque aponta para a arte da escrita, destaco o domínio ficcional, tudo o que o Manel inventou e a forma como o fez. Aqui realço o insólito por oposição à realidade, à banalidade. O próprio autor vive dentro do livro. Inicialmente, surge o seu nome numa crítica a uma exposição de pintura; depois, surge num romance anunciado por uma personagem (Estela), que o descobre camuflado num manual escolar. Mais tarde, acaba por encontrar-se com José António e Silvana e surge de novo noutros momentos da narrativa, inclusive nas linhas finais do romance. É ele quem tem as últimas palavras. Enfim, ele, o Manuel Maria que se anuncia na capa de ***História que daria um livro***, vai-se tornando cada vez mais presente ao longo do romance. Quiçá também ele, como D. Sebastião, se oculte no nevoeiro que vemos na capa! Confesso que me lembrei da figura de D. João de Portugal, primeiro marido de D. Madalena de Vilhena, personagens do drama garrettiano *Frei Luís de Sousa*, obra que o Manel bem aprecia. Também essa figura do passado, que Dona Madalena quer esquecer,

cada vez mais se torna presente na intriga desta obra-prima do teatro nacional.

Ah, Manel, diz-me lá: afinal, onde acaba o professor de Português? Onde acaba o homem que ama o teatro, que faz teatro, que encenou e levou jovens para esse caminho, não de pecado (como em tempos foi qualificado) mas sim de catarse, de libertação? Ah, Manel, diz-me lá onde estás tu, o escritor APENAS no ato da escrita?

Pois...

Vamos agora àquele incomodativo “daria”.

Chegada ao fim do romance, compreendo este condicional. Percebo-lhe a intenção. (Bem, acho que percebo.)

E qual é a intenção?

Levar-nos ao *incipit* do processo da escrita criativa. Nesse momento, a história ainda não existe em livro. A história faz-se livro à medida que o Manel a escreve. A história faz-se livro à medida que nós a vamos lendo, à medida que nós a vamos também, de certo modo, reescrevendo. Porque cada um de nós lê com os olhos que tem. Porque cada um de nós molda o que lê, conforme a sua sensibilidade, conforme as suas experiências, conforme o seu dicionário pessoal e faz um livro à sua medida...

“Daria” aponta assim para um fim que se quer, quando se começa a ler e que só poderá ser “deu”, quando chegarmos ao fim. Cabe também a cada um de nós, leitores, avaliar se, de facto, a história deu livro ou não. Enfim, com este “daria” o Manel diz-nos implicitamente que a última palavra é nossa!

Parece que cumprimos o meu quadro imaginário sarapintado de palavras, de círculos, de raios e setas. Falta agora uma chaveta na horizontal a rematar o desenho e, por baixo, escrever “avaliação do leitor”.

Avaliar como? O quê?

Avaliar o conteúdo e a forma, de acordo com critérios estético-literários, se nós, leitores, os tivermos. Avaliar de acordo com os nossos gostos, de acordo com a nossa sensibilidade.

Bem, cada um de vós, enquanto leitor, no fim da leitura, dirá de sua justiça o que há aqui a valorizar.

Eu digo da minha.

Por isso, centrando-me apenas brevemente na forma e sem cair em exegese hermética, destacarei os seguintes aspetos:

- diálogos muito bem conseguidos, com destaque para o diálogo inicial, que vive de frases curtas, interrupções, hesitações verosímeis, que revelam a relação próxima do Manuel Maria escritor com o Manuel Maria que se dedica à arte dramática;

- ritmo narrativo rápido;

- personagens bem construídas;

- narração verosímil dos factos;

- intriga que prende o leitor, com criação de momentos de expectativa;

- um certo “visualismo narrativo”, conceito meu, que passo a explicar com um breve episódio. Capítulo II. Páginas 18 e 19. José António e Silvana estão à mesa, aqui, na Cozinha do Martinho. Dedicam-se ao prato principal. Observam as outras mesas. Há um diálogo entre eles, como se fossem Sherlock Holmes e Dr. Watson. Página 20. Segue-se uma sobremesa sem verbo na oração subordinante e, de repente, vê-se o carro do casal a caminho de Matosinhos. Cortes na narrativa precipitados, que inicialmente parecem abruptos, sem elementos linguísticos de ligação. Mas que são semelhantes aos que ocorrem no grande ecrã. Isso, como num filme, onde o narrativo se confunde com o descritivo, mas sempre dotado de realismo, de visualismo.

- por fim, sublinho a alternância entre o presente e o pretérito perfeito, nas sequências narrativas e nos verbos introdutores do discurso. Aparentemente caótica, esta alternância surpreendeu-me inicialmente, confesso. O Manel sabe que, manda a convenção, quando se narra no passado, mantemo-nos no passado. Então porquê esta infração à regra? A meus olhos, ela corresponde também a um efeito cinematográfico, o zoom, isto é, usa-se o presente quando se quer pôr em primeiro plano, em grande plano, um acontecimento, uma personagem, uma fala. Quando se quer tornar a cena mais visível, mais presente aos nossos olhos.

Sim, sempre aos nossos olhos! Porque o Manel sabe que o romance não é umas tantas folhas escritas, reunidas num tomo, envolto em capa sedutora, que decora as estantes de uma qualquer casa. O Manel sabe que o romance só existe, de facto, quando alguém o lê. O Manel

sabe que o romance só é obra feita quando a mente de quem lê viaja para aquele mundo nascido de um só olhar, o do autor, que, ao cruzar-se com o do leitor, existe plenamente e singularmente. Por isso, também aquele desconcertante condicional “daria” faz sentido neste título.

No meu caso, finda a leitura desta ***História que daria um livro***, o condicional “daria” transformou-se no pretérito perfeito do modo indicativo “deu”. Resta-me esperar que com cada um de vós suceda o mesmo!

Por isso deixo-vos com votos de boas leituras, com finais felizes, todos eles no modo indicativo!

Porto e Cozinha do Martinho, 3 de março de 2018,
Isaura Afonseca